

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8\$00
> » 10 » —Para outras localidades. 9\$80

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

ESTAMPAS

A VIAGEM

do Senhor Presidente da República à Inglaterra

Londres! Dentro de alguns dias, na segunda quinzena do actual mês de Outubro, iniciará o Sr. Presidente da República e sua Ex.^{ma} Esposa a sua viagem oficial à Inglaterra. Londres, em festa, realizará os votos de uma boa recepção, conforme o convite e as palavras que o seu lord mayor entregou, pessoalmente, ao sr. Coronel Salvação Barreto, chefe do Município de Lisboa. Desnecessário se torna acentuar a excepcional valia e mérito que, para além do protocolo e da tradicional aliança dos dois Povos, sempre uniu os nossos Soberanos, e que, nesta hora, terá a excepcional dádiva da Graciosa Soberana que dirige os destinos do grande Povo Britânico. É, portanto, com o maior afecto que endereçamos saudações aos nossos velhos amigos, tão juvenilmente ressurgidos na pessoa sempre respeitada e querida da sua Rainha, guardiã da nossa inalterável e permanente amizade multissecular.

o concerto luso-britânico Ainda há poucos dias, o sr. adido militar da Inglaterra, no Buçaco, ao contemplar o panorama extasiante da serra onde as armas napoleónicas sofreram o seu primeiro revés, acentuava que ele, o concerto luso-ingles, nascera mais da necessidade imperiosa de afirmar coordenadas idênticas na História e na Geografia que no receio de estranhas forças, embora estas sempre se tenham manifestado contrárias ao esforço construtivo das duas Comunidades de Nações. Assim, evocou esse oficial as distintíssimas palavras com que lord Wellesley, muitos anos depois, sintetizava o esforço leonino dos ingleses e a bravura de leopardo dos portugueses ao escalar essas encostas que só conhecem por limite a orla do céu, franjado de brancas nuvens. E, numa frase reveladora da imensa admiração que em Inglaterra sempre gozaram as armas portuguesas, resumiu, assim, apoteoticamente, o seu brinde, o digno representante das Armas Inglesas: — Eu, oficial de Artilharia, reconheço e proclamo que, nesta batalha, tão decisiva para os nossos destinos, houve, acima de tudo, um grande e inexpugnável esforço: o dos bravos caçadores portugueses que, ainda há pouco reconstituídos, deram, nesta batalha do Buçaco, exemplo clássico de galhardia, exemplo imortal do valor da arma de Infantaria!»

Foi num português bem audível que ouvimos o interessante discurso, já que, entre nós, apenas há contados dias o distinto oficial se encontrava. E, vibrantes, os aplausos que o coroaram.

Exposição na Royal Academy As nos-
sas artes, tanto as da alta idade média como as do Renascimento, vão ter condigna re-



General Craveiro Lopes

presentação na Royal Academy, cujos escolhidos salões se abrem, com excepcional relevo, durante a permanência em Inglaterra do Sr. Presidente de República. As pratas de arte,

(Continua na 2.ª página)

Damião de Vasconcelos

Por mais de uma vez, nas colunas deste jornal, solicitámos da nossa edilidade que a uma das ruas da cidade fosse dado o nome do falecido jornalista e escritor Damião Augusto de Brito Vasconcelos. Trata-se de um acto de verdadeira justiça e uma prova



de gratidão para quem escreveu a História de Tavira.

O nosso pedido foi bem aceite pelo sr. presidente da Câmara, tendo-se até escolhido a Rua da Borda de Água da Asseca, nome que nada justifica, para não ferir susceptibilidades com o desaparecimento de qualquer outro já existente noutra artéria, muito embora alguns deles nada representem.

Porém, como o tempo vai passando e novamente se aproxima mais um aniversário do seu falecimento, cá estamos a renovar um justo pedido, que nos parece não merecer o esquecimento.

Continua na 3.ª página

TEATRO

ou Sociedade António Pinheiro?

O Teatro António Pinheiro reabriu há pouco as suas portas para inaugurar a nova temporada cinematográfica, mantendo, todavia, o sistema de cadernetas de frequência, que ali se vem praticando de há poucos anos atrás.

Tais cadernetas de frequência comprometem o detentor a pagar à Empresa o seu lugar reservado, num mínimo de trinta por cento das sessões de cinema de toda a época, quer assista, ou não, às mesmas. As restantes pagará se assistir.

Este sistema, cremos que sem similar em outro ponto do universo, e talvez inspirado no já extinto maquinismo das senhas de racionamento, foi criado por uma anterior direcção daquela casa de espectáculo e aprovado em assembleia geral dos accionistas. Tinha-se em vista ressaltar as responsabilidades comerciais da Empresa numa época em que a frequência era irregular e deficiente em virtude de o público se ir desabitando de ver

(Continua na 2.ª página)

Exposição

de Heráldica do Trabalho

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho realiza este mês, nos salões do Secretariado Nacional da Informação, uma grande Exposição de Heráldica do Trabalho, integrada nas comemorações do seu XX aniversário.

De notar, o facto de ser a primeira vez que em Portugal se realiza uma Exposição de Heráldica com esta grandeza.

Em memória de Bela Bartok

1881 - 1945

|| pelo Dr. Francisco Fernandes Lopes

NO último suplemento *Cultura e Arte* (de «O Comércio do Porto», 27-9), Fernando Lopes Graça (o meu singular homónimo, como um dia jocosamente o crismei), indubitavelmente um dos primeiros musicólogos, grande pianista e compositor da actualidade portuguesa, recordava No 10.º aniversário da morte de Bela Bartok, por forma admiravelmente concisa e emocionante, a figura insigne de um dos maiores compositores («porventura o maior» — estamos de acordo) da nossa época, músico genial, de consciência nobilíssima, a quem... o Destino criou uma das mais trágicas existências do nosso século, e em especial nessa famosa América milionaríssima que o deixou morrer na miséria e ser enterrado por caridade pública — supre-

ma vergonha da... Civilização Ocidental deste pavoroso século vinte...

Bela Bartok (leia-se *Béla Bártok* — assim me ensinou um sacerdote católico húngaro que o ano passado, ao voltar de França, tive por excelente companheiro de viagem) nascera na Hungria, em Nagy Szont Miklos, a 25 de Março de 1881, filho dum director de escola, apaixonado de música, e de uma mãe que, tendo ficado viúva muito cedo, fez viver o seu filho e lhe ensinou os primeiros rudimentos de solfejo e de piano. Bela foi bom aluno: aos nove anos, escrevia a sua primeira peça para piano, e, aos dez, dava o seu primeiro concerto em público.

Aos 12 anos, o aluno Bartok segue imitando conscienciosamente Brahms num concerto para violino; e, tendo já escrito aos 16 anos uma sonata para piano, aos 17, um quatuor com piano, e, aos 18, um quatuor de orquestra, depois de estudar em Bratislava, vai frequentar o Conservatório de Budapest (a antiga Academia Liszt). Compõe, então, muito. É a época da sua sinfonia *Kossuth*. E, na sua música, mostra tendências românticas, seguindo, em respeitosa homenagem, Liszt e Ricardo Strauss.

Continua na 2.ª página

TROVA

Se queres que eu te não queira,
Pede a Deus pra que me chame;
Pois nem Deus, doutra maneira,
Consegue que te não ame.

Augusto Gil

Este número foi visado pela Delegação de Censura

OUTONO

ELE aí está, com os seus poentes rubros, inegalável a qualquer outra quadra do ano. Os raios do Sol perderam a impetuosidade das calmarias estivais, tornaram-se mais mornos e duma luminosidade menos intensa e de cor mais amarelada.

Nos campos, iniciam-se os trabalhos da nova cultura; e, nas praias, soa o toque de abalada para a vida, pois o Outono vem pôr termo a uma temporada de repouso e, quantas vezes, a uma quadra de indolência intelectual, mas de agitada vida mundana.



Inicia-se a nova vida escolar, é mais um ano que começa, pleno de actividades e ilusões. Dentro em breve, as árvores começam a despír as suas folhas, amareladas pelos raios solares do Estio, e o Inverno virá depois cobrir a Natureza com o seu manto de sombras.

Afinal, é sempre assim o Outono todos os anos, e o Sol começará a raiar todos os dias para aqueles que, com saúde e boa disposição, giram na grande roda do Mundo. Os poetas continuarão a cantá-lo com os tons coloridos da sua inspiração, e os caçadores a percorrer cerros e vales em busca das peças fugitivas de caça.

E será sempre assim o Outono, enquanto as experiências atómicas não perfurarem a crosta do globo em que vivemos, ou a rotuna da Lua, que se anuncia para breve, não venha alterar o clima nas suas futuras fases.

TEATRO

ou Sociedade António Pinheiro?

Continuação da 1.ª página

cinema, muitas vezes pela pobreza da programação.

Instaurado o método, começaram a sair as citadas cadernetas adquiridas por pessoas bem instaladas na vida e que também assim, sem que isso lhes custasse, se instalaram nos melhores lugares do cinema. Logo outras, prevendo facilmente a hipótese de que ficariam privadas de ver cinema ou teriam de ir para os maus lugares pelo mesmo preço dos bons, resolveram-se abraçar o sacrifício do compromisso e passaram a andar, também, de caderneta no bolso.

Em breve, da plateia do pequeno Teatro, apenas restavam livres de marcação os lugares das duas ou três filas dianteiras, das quais impossível se torna aos olhos, devido à proximidade e tamanho do ecran, abarcar as imagens que ainda se apresentam esfumadas.

A Empresa de então viu a sua ideia coroada de êxito e assegurada a questão económica; porém, a partir daí, o Teatro António Pinheiro não foi mais uma casa pública, mas tão — somente privativa dos detentores de cadernetas. Criou-se, assim, uma novíssima casta, e o Teatro transformou-se, inquestionavelmente numa «Sociedade» monopolizadora, que bem se poderia denominar «de Representação Pública dos Assistentes ao Cinema em Tavira».

A coisa não nos causou impressão lisonjeira, dado quanto somos avessos a exclusivismo — e de isso se tratava —, posto que, ou se entrava para a aludida pseudo «Sociedade», ou não se via cinema. E, se é certo que, pela mágica da caderneta, tínhamos assegurado o lugar para vermos os filmes que desejávamos, também é fora de dúvidas que a caderneta nos escravizava com outros tantos filmes a que nos dispensávamos de assistir.

Procurando demonstrar a excentricidade do sistema, como se nos deparou, põmo-lo paralelamente à atitude de um comerciante que, a um cliente que pretendesse comprar-lhe um lenço de bolso, objectasse: — Sim senhor, mas até ao fim do ano fica obrigado a comprar-me três bonés de motorista, um fato à maruja, meia dúzia de sombrinhas para senhora e doze metros de bordado da Madeira.

Claro que o cliente saía logo do estabelecimento a passo largo, sem mesmo se dar ao trabalho de sorrir da enormidade, e entraria noutra loja onde compraria apenas aquilo de que necessitava.

Desta vantagem, já não gozam muitos tavirenses que, não dispondo aqui de outro cinema, se viram na necessidade de carregar com os bonés de motorista, as sombrinhas e as rendas, que são outros tantos possíveis filmes, a que não lhes interessava assistir.

A Empresa de então, esgrimindo subtilmente com a vantagem da não competição, encadernou o seu público e pôs a seguro os interesses do Teatro. Mas, e quem assegurou ao encadernado público que o Teatro não o presentearia com uma mediocre, ou má, temporada de cinema? Que garantias lhe restavam? — Pagar os trinta por cento e desistir... se, para tanto, tivesse coragem.

Não se vá ver nestas considerações a hipótese da mínima má vontade contra a presente direcção do Teatro António

Pinheiro, na qual se encontram pessoas a quem temos a mais funda amizade e respeito. Em reforço do que se pretende, acrescentamos que tais directores não são responsáveis por uma herança recebida e determinada por uma assembleia geral. Não. Essa hipótese está prejudicada por desleal ao verdadeiro espírito que preside a esta análise. De resto a inteligência desses senhores é sobejamente esclarecida para visionar quanto de bem intencionado e construtivo aqui se põe.

É, sim, esta maneira inconformista do atropelo das regalias humanas que nos leva a demolir um sistema que, sendo de tolerar como medida extrema, vai pretendendo eternizar-se, agora já sem alguma razão de ser. Assim o dizemos porque é demasiadamente evidente, para se poder encobrir que o Teatro António Pinheiro tem o seu público seguro; que até é, muitas vezes, insuficiente para o comportar; que se tem visto, várias vezes, desdobrar programas em duas sessões e que tais coisas já não são de agora, pois tenhasse presente o tempo em que actuavam simultaneamente a companhia Rafael de Oliveira e o Teatro António Pinheiro com casas cheias.

O público de Tavira já não dispensa o cinema. É incontestável que, neste Verão, trepou a colina de Santa Maria e encheu o parque todas as vezes em que os filmes gozavam de algum mérito. O público foi lá — o mesmo que vai ao Teatro —, sem necessitar de qualquer espécie de cadernetas. A Empresa deu-lhes bons filmes, felicitamo-la pelo facto, e isso supriu todas as cadernetas. Nem nos resta qualquer dúvida de que se o progresso do Teatro António Pinheiro, nestes últimos anos, é um facto, ele não se deve ao sistema de cadernetas, que não conduz a coisa nenhuma, mas sim à boa programação que a actual direcção ali tem feito desbobinar.

Persistir nas antipáticas cadernetas, o mesmo é que continuar a embutir drogas impróprias em quem, tendo estado doente, se curou mercê duma higiénica e conveniente alimentação.

São de arquivar, bem no escuro, as cadernetas que não deixam livre o caminho a qualquer elemento do público que tem, indubitavelmente, iguais direitos a frequentar um teatro público.

Não fazem falta, cremos que nunca o fizeram, mas tão — somente serviram para o forasteiro nos confundir, rindo-se à nossa custa.

O mal era ouro; o do mau cinema.

Que quem dirige os destinos do Teatro António Pinheiro, que nos lê, providencie para que a cidade seja limpa de mais essa lástima que, contra a vontade do tavirense, foi metida à força no número das coisas a que, com desprezo, chamam: «Coisas de Tavira».

O Teatro António Pinheiro, quando se chamava «Popular», só conheceu uma casta: o povo — e nem por isso deixaram de trabalhar nele as melhores companhias de teatro e de correr os mais famosos filmes.

Vende-se

Moto, marca Scooter, 164 c. c., com 2,700 quilómetros. Tratar com Diamantino Garcia — Tavira.

A FEIRA

A Feira de São Francisco, este ano, no que respeita a digressões, pareceu-nos inferior aos anos anteriores.

Apenas o «Circo Águia» foi o alvo das atenções do público, por ser a única distracção do seu género.

Espectáculo que se vê com gosto, dispo de um núcleo artístico equilibrado e duas parselhas de bons palhaços, que conseguem provocar momentos de franca hilariedade.

Muito embora o seu ambiente não seja o de um verdadeiro Coliseu, porém, na verdade, outras companhias, precedidas de mais fama, se apresentam em piores condições.

O «Circo Águia» é, sem dúvida, um atractivo digno de apreciação, quer pela apresentação dos seus trabalhos de ginastas, trapesistas, equilibristas, saltadores, etc., quer pela exibição de números interessantes em diversos géneros de trabalhos, que o público aplaude.

ESTAMPAS

(Continuação da 1.ª página)

em cujo labor adquirimos excepcional relevo, hão-de ter ali o lugar que de direito lhes pertence. E, com elas, os nossos trabalhos em ouro, desde as filigranas a outras realizações de ourivesaria portuguesa, até muitas outras coisas em que os paços da fidalguia portuguesa foram ricos e, ainda hoje, bastante possuem. Teremos, pois, uma selecta e invulgar representação do que de melhor existe nos nossos Museus e que, sem dúvida, merece honras de conhecimento entre povo tradicionalista como o da Gran-Bretanha, sem que isso o iniba das melhores e mais progressivas realizações sociais a artísticas. Os serviços de almoxarifado dos Paços e Museus de Portugal devem já ter realizado obra eficiente e selectiva, de acordo com as suas tradições e a sua norma de superior cultura e brilho artístico.

Significado especial Teremos, pois, conforme tudo indica, um momento de excepcional e sugestivo porteguesismo junto da corte de Saint-James — porque, se muito acredita os povos o fulgor na sua cultura, não menor e talvez superior lhes seja o prestígio da sua beleza e excepcional relevo nas artes e relevo das suas telas e da sua estatuária. Na estabilidade e continuidade de uma amizade multissecular, agora renovada e acrescentada por novos elos, sempre timbrámos, quais Magriços em nova Távola Redonda, por nos batermos, excepcionalmente, por nossas Damas e Senhoras. Que elas, através dos séculos, assistam de novo aos atlantes que, em busca de porto acolhedor e amigo, como os da velha e alegre Inglaterra, dentro de alguns dias, demandarão, uma vez mais, a foz do Tamisa. Tão graciosas Musas, têm, sempre, espírito e beleza para receber os que, ao abrigo de uma velha veste multissecular, sentem rejuvenescido o espírito da velha Aliança.

CASA

Vende-se uma com rés do chão e 1.º andar, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 16, 18 e 20 — Tavira.

Quem pretender dirija-se a Custódio João dos Santos — Fuzeta.

Em memória de Bela Bartok

1881 - 1945

Continuação da 1.ª página

Deixando aos 21 anos o Conservatório para ganhar a vida, dando concertos e lições de piano, faz-se conhecer, a princípio, sobretudo, como intérprete; mas, sob o efeito do *Zaratustra* de Strauss, volta à composição. Prosseguindo como pianista e compositor, é nomeado em 1907, aos 26 anos portanto, professor de piano no dito Conservatório...

No entanto porém, em 1905, dera-se na vida musical de Bela Bartok aquilo que ele classificava como tendo sido o seu segundo nascimento. Fora o caso que uma criada estava um dia a varrer o quarto, cantando uma cantiga... A cantiga, como música, era verdadeiramente *inaudita*: cheia de progressões estranhas, de inflexões, ao mesmo tempo refinadas e bárbaras, na sua melodia austera e, todavia, apaixonada. Bela Bartok, impressionado com aquela *novidade*, interroga a criada... Ela só sabe que a música é antiga, que já a sua mãe a cantava, e que na terra onde vivera em criança se cantavam cantigas semelhantes...

Ora, Bela Bartok, que desde muito cedo se interessara pelo folclore, recebe agora o impulso decisivo... Ele julgava conhecer bem a canção popular húngara, como Brahms e Liszt a tinham apreendido nas suas danças, nas suas rapsódias, a música de ritmo tzigano, as canções boémias, de melodias românticas, descabeladas, apaixonadas até ao delírio, de ardente colorido, já ditas e reditas...; mas agora uma simples canção duma criada fazia-o entrever um novo mundo a explorar... Ei-lo que parte imediatamente; e durante oito anos peregrina pela Hungria, pela Eslováquia, pela Roménia, não deixando uma aldeia de lado... Quer só, quer acompanhado do seu amigo Zoltan Kodaly, escuta, nota, regista mais de seis mil canções inteiramente novas, ignoradas não só do restante mundo mas mesmo dos principais músicos húngaros da época. Em 1913, faz mesmo uma viagem até Biskra para estudar o folclore árabe.

Do alto desta pirâmide, Bela Bartok podia exclaimar agora: «A autêntica música dos camponeses húngaros era praticamente desconhecida... As melodias mais antigas (e de maior valia) forneciam, enfim, a matéria dum renascimento da música húngara».

A partir de então, Bela Bartok vai impregnar-se desta nova visão musical...

«A utilização deste material dos cantos e danças populares não deve naturalmente limitar-se à imitação ou à incorporação esporádicas destas velhas melodias, nem ao seu emprego arbitrário nas obras de tendência estrangeira ou internacional. Ela consiste antes em absorver os meios de expressão musical, escondidos no tesouro das árias folclóricas, do mesmo modo que se assimilam as possibilidades mais subtis de qualquer outra linguagem. O compositor deve possuir uma mestria suficiente desta linguagem musical para que ela se torne a expressão natural das suas musicais ideias pessoais».

De posse deste tesouro e da sabedoria de o explorar, Bela Bartok tornou-se «um outro»: a sua música passou a ser tão diferente daquela que o seu crescente auditório começava a apreciar grandemente... que essa assistência se tornou bem de repente muito reduzida! Se a sua primeira manei-

ra era particularmente audível, a segunda foi, desde logo, rebarbativa em excessos...

Estas dissonâncias, estas discordâncias, estes ritmos incessantemente convulsos, agressivos, esta passagem incessante do lirismo mais declamatório às tonalidades mais livres, mais manifestamente cerebrais, tudo isso desconcertava, irritava, desanimava... Sob o ponto de vista técnico e científico, não havia diferença; e, claro, os conhecedores prestavam-lhe a mesma homenagem. Mas, ao público, mesmo de elite, as obras desagradavam. Assim, os concertos foram sendo cada vez mais raros e, por conseguinte, a vida material do lutador cada vez mais dura. A incompreensão geral foi-se adensando em torno do compositor Bartok, que, na exploração do seu novo mundo musical, anda à procura do seu caminho, se perde, volta sobre os seus passos, torna a partir e se vai sempre afastando cada vez mais das vias tradicionais.

Talvez que o povo, se frequentasse então os concertos o compreendesse melhor... Mas os *habitués* da época ainda estavam a aplaudir ou a patear Debussy...

Assim, de 1905 a 1927 — os anos de *laboratório* — as obras vão surgindo nesta atmosfera dolorosa... Um primeiro quarteto em 1908, efeito do choque inicial: «música bárbara, agressiva, arrepiante, francamente desagradável», exclamam conhecedores e público. É um 2.º quarteto, nove anos depois, não difere ainda. Em 1912, a *Dança do Urso* faz dizer a um crítico: «O público considerou o autor, com certa indulgência, se não como um louco furioso, ao menos como um individuo muito excêntrico...»

Excêntrica, de facto, era o que Bartok queria que fosse essa música do seu *Allegro bárbaro*, dos seus 3.º e 4.º quartetos.

Era a época em que germinava no seu espírito o *Microkosmos* — chave dos enigmas da sua linguagem — as 153 peças que ia escrevendo para piano só, reunidas mais tarde em seis volumes, e destinadas a ensinar às crianças o idioma musical que ele descobrira —: «peças muitas vezes muito simples de factura (nota um crítico), que obrigam o aluno a descobrir lentamente os segredos da harmonia politonal ou da poliritmia, até que a desordem aparente da música chamada moderna adquira perante ele um sentido lógico».

Em 1927, Bela Bartok assiste nos Estados Unidos, durante dez semanas, à execução das suas obras mais importantes. Resultado?

Ver-se-á qual foi...

Olhão, 5 de Outubro de 1955
Francisco Fernandes Lopes

PRÉDIOS

Vendem-se em Tavira 2 prédios urbanos, ambos com rés do chão e primeiro andar, um na Rua do Poço do Bispo n.º 6-8-10 e outro na Travessa das Cunhas n.º 37-39-41 e Rua 1.º de Maio, 40-42-44. Tratar na Rua da Liberdade, 67 — Tavira.

Instalações de água quente ou fria

Casas de banho completas
Esgotos e fossas sépticas
Construção e Reparação

Ladislau Soares

Rua 9 de Abril, 43-A — TAVIRA

Informações da «Casa do Algarve»

Interesses**da lavoura algarvia**

Prosseguindo na divulgação de elementos que interessem à valorização e defesa da fruticultura algarvia, vamos hoje resumir, do último Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas, alguns oportunos dados sobre o combate às pragas dos figos, e simultaneamente apresentar breves notas estatísticas, para fundamento da previsão de um possível aumento do preço da alfarroba.

Combate às pragas dos figos. — O ciclo biológico da *Euphestia calidella* Gn., a principal responsável pelos enormes prejuízos todos os anos verificados na produção do figo algarvio, abrange as três seguintes etapas:

Primeira geração Junho - Julho: Do material hibernante existente na casa do lavrador saem as primeiras borboletas, que se dirigem para as alfarrobas ainda na árvore.

Segunda geração — Agosto e 1.ª quinzena de Setembro: Dos montes da alfarroba já colhida e do material hibernante ainda existente na casa do lavrador saem novas borboletas, que se dirigem para o almanxar e para a casa das tulhas, onde se transformam em insectos perfeitos as larvas que saem dos ovos depositados nos fios e que vão dar origem à

Terceira geração — 2.ª quinzena de Setembro e Outubro: Fecho do ciclo, com o hibernamento da larva, que assim fica imobilizada, nos ângulos das paredes ou madeiras e frinças da casa das tulhas, de fins de Outubro e Novembro até Junho do ano seguinte.

«Olhando atentamente este esquema — recomenda o Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas — qualquer produtor ficará a compreender as diferentes fases da luta contra tão perigoso inimigo».

Esta luta deve começar no figueiral, não se deixando nele figos que, aí secando, fiquem sujeitos ao ataque da praga; e ou almanxar, por ser o local onde se concentra o principal ataque da praga, deve exercer-se com o maior cuidado.

É de considerar que, sendo uma época quente, aquela em que as operações da colheita e secagem do figo decorrem, os ovos têm tempo de eclodir durante os 4 ou 6 dias que os frutos permanecem no almanxar. Deste modo as larvas recém-nascidas iniciam nele o seu desenvolvimento e, passados 19 a 20 dias, grande número delas terá atingido a fase adulta e devorado grande quantidade do conteúdo do figo.

«Há portanto necessidade imperiosa de:

1.º — Tratar o figo imediatamente após a sua secagem.

Livros e Revistas

Boletim da Pesca — Recebemos o n.º 48, referente a Setembro, desta interessante publicação, órgão do Grémio da Pesca da Sardinha.

Plataea — Temos presente o n.º 109 deste órgão de cinema, que, com toda a regularidade, vimos recebendo e que faz as delícias de todos os cinéfilos.

Revista d'Aquem e d'Além mar — Recebemos o n.º 60 desta magnífica revista de propaganda turística, referente ao mês de Junho.

Lavores e arte aplicada — Acabamos de receber o n.º 127 desta interessante revista feminina, de que é directora e proprietária a sr.ª D. Laura Santos.

Esta revista traz, como de costume, o seu suplemento, Revista da Moda, n.º 125, que faz as delícias de todas as donas de casa.

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Parque Mayer, na Tabacaria Júlio da Silva.

2.º — Armazená-lo em seguida, defendido de novas infestações.

Para dar execução à primeira norma todo o lavrador deve possuir uma câmara de expurgo onde, empregando o sulfuro de carbono, esterilize diariamente o figo das escolhas realizadas.

Noutra informação indicaremos as condições a que devem obedecer as ditas câmaras e as casas de armazenamento.

Afigura-se-nos, entretanto, que seria de aconselhar um combate radical às larvas hibernantes, promovido por brigadas técnicas, se possível acompanhadas de outras que promovessem, igualmente, o combate, tão necessário, às moscas e outros nocivos insectos.

Para se conseguir estabelecer um hábito, nada como o exemplo.

António da Cunha Barata

ADVOGADO

TAVIRA

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Srs. Joaquim Augusto Rodrigues e Francisco José Rodrigues Abreu.

Em 10 — D. Maria da Natividade Peres Correia.

Em 11 — Sr. António Pires Leonor.

Em 12 — D. Maria da Saudade Cristina Peres.

Em 13 — D. Maria Eduarda Gomes Ramos Gonçalves e srs. Eduardo Félix Franco, Joaquim Eduardo Fernandes, Manuel Guerreiro e José Manuel Entrudo da Graça.

Em 14 — Dr. António Manuel Almodôvar.

Em 15 — D. Cidalina de Jesus Matos, D. Helena do Rosário Gonçalves Morgado Correia, menina Maria Eduarda do Livramento Maco, menina Teresa Andrade Ferreira e sr. Liberto Laranjo Conceição.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, regressou de Lisboa, aonde foi passar as férias, o sr. Dr. João Augusto Pacheco e Melo Franco, meritíssimo Juiz de Direito, nesta comarca.

— Com seu pai, o nosso prezado amigo sr. Dr. Armando Cassiano, dig.º professor do Liceu de Faro, esteve nesta cidade o sr. Dr. Armando Rocheta Cassiano, distinto médico residente em Faro, também nosso prezado amigo.

— Com sua esposa, já se encontra nesta cidade o nosso assinante sr. Patrocínio da Conceição Guerreiro, informador fiscal, neste concelho.

— Com sua esposa, esteve nesta cidade, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso conterrâneo e assinante sr. Joaquim Cataludo, residente em Montijo.

— Encontra-se nesta cidade o nosso prezado amigo e assinante sr. Tenente José Martins Figueiro, em serviço no asilo militar de Runa.

— Com sua família, encontra-se nesta cidade o sr. José Parra, sargento do Exército que acaba de regressar de uma das nossas províncias ultramarinas, onde esteve em comissão de serviço.

— Na companhia de sua esposa, encontra-se em Tavira, de visita a sua família o sr. Jorge de Araújo Mateus, 1.º sargento do Exército, que acaba de regressar da Índia Portuguesa, onde esteve em serviço.

— Regressou de Lisboa o sr. Comandante Henriques de Brito.

— A fim de consultar a medicina, seguiu para Lisboa a sr.ª D. Maria de Jesus Guerreiro Monchique, esposa do nosso assinante sr. João Monchique, comerciante.

— Com sua família, foi passar alguns dias nas Caldas da Rainha, em casa de seus pais, o nosso prezado redactor sr. João Pereira Guerreiro Alves.

— Vimos nesta cidade o nosso assinante e amigo sr. Armando Vieira Jordão, sargento do Exército, ao serviço em Lisboa.

— De visita a sua família, esteve em Tavira o nosso conterrâneo sr. Joaquim Henrique Costa, residente em Setúbal.

Damião de Vasconcelos

Continuação da 1.ª página

Damião de Vasconcelos, que foi o autor de «Notícias Históricas de Tavira» e de tantos «Ecos do Passado» espalhados pelos jornais, focando assuntos ligados à história e costumes da velha Balsa, é merecedor dessa singela prova de gratidão à sua memória.

Estamos certos que nenhum tavirense o regateará, atendendo à obra que realizou e generosamente ofereceu a Tavira.

ESMOLA

Do nosso conterrâneo, sr. Joaquim Cataludo, residente no Montijo, recebemos a esmola de 20\$00 para distribuir pelos nossos pobres.

Em nome dos contemplados, agradecemos.

Vende-se

Uma horta, com diverso arvoredado, abundância de água, casas de moradia e dependências, no sítio do Pinheiro, freguesia da Luz de Tavira,

Quem pretender dirija-se a Dionísio Viegas, no mesmo sítio.

Saudade!

É já saudade, e bem linda,
Aquele amor que prendeu
Nossas almas nesse céu,
Dum sonhar que adoro ainda!

Fomos crianças, bem sei,
Deixando morrer, outrora,
A vida que ainda chora
No coração que te dei.

Em alvoroço, acredita,
Acorda, em mim, a saudade!
Do teu olhar de bondade,
Quando o nosso olhar se fita.

Cinzas que queimam, ardendo,
Devemos, amor, guardá-las:
A graça de recordá-las...
É nosso amor revivendo?!...

Lisboa, 1955

Luís Palma Vaz

Propriedade Arrenda-se

Cara de Pau (herdeiros Dr. Ribeiro Castanho). Dirigir proposta ao Comandante Armando Pais, Rua Sociedade Farmacêutica, n.º 27-1.º Dt.º.

Reserva-se o direito de não adjudicar caso nenhuma das propostas lhe interesse.

Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHAOBRA SIMPLES E DE LUXO
LIVROS — REVISTAS — JORNAIS**Cardoso Cabeleireiro**

Apresenta as últimas criações em penteados e nas cores da moda.

Tratamento à queda do cabelo com aparelhos e método alemão

DESFRISSA CABELOS
Instituto de Beleza Cardoso

TELEF. 180

Rua da Liberdade, 18-1.º — TAVIRA

ATENÇÃO À FOTO ANDRADE

Rua José Pires Padinha, 48 — TAVIRA

Está o nosso laboratório equipado com o famoso amplificador automático **Durst**, e o pessoal que nele trabalha constitui uma equipa competente. O nosso laboratório tem merecido dos nossos Ex.ºs Clientes o título: «Símbolo de Perfeição».

Para o vosso casamento prefira a FOTO ANDRADE, e ficará encantado com a arte de bem fotografar.

Confie à FOTO ANDRADE os seus trabalhos de amadores: Revelação, Cópias, Ampliações e Coloridos; execução rápida e perfeita.

Entre a nossa clientela contamos com o melhor escol de amadores.

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Feiras,

festas e romarias

a realizar em Outubro

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende bilhetes a preços reduzidos.

Alcácer do Sal — Feira Anual, nos dias 8 a 10 de Outubro.

Santarém — Feira da Piedade, nos dias 9 a 16 de Outubro.

Évora — Feira de S. Cipriano, nos dias 12 e 13 de Outubro.

Castro Verde — Almodôvar — Feira Anual, em Castro Verde, nos dias 15 a 17 de Outubro.

Faro — Feira de Santa Iria, nos dias 19 a 21 de Outubro.

Tomar — Feira de Santa Iria, nos dias 19 a 23 de Outubro.

Fundão — Feira Anual, no dia 20 de Outubro.

Sines — Feira Anual, nos dias 23 e 24 de Outubro.

Paredes — Romaria a S. Simão, em Oleiros, no dia 28 de Outubro.

Chaves — Feira Anual dos Santos, nos dias 30 de Outubro a 2 de Novembro.

Assinal o «Povo Algarvio»

Rui Aboim Faria Pereira

Farmácia Montepio Artístico Tavirense

TELEFONE 183

Grande sortido de especialidades nacionais e estrangeiras

Perfumarias e produtos químicos das mais reputadas marcas

Vendas a preços módicos de Artigos de Borracha

REFERINDO-ME à edição de 19 de Agosto do jornal «Lobito», de Angola: É incrível que haja homens que não tenham noção de que dentro deles, adiante da sua profissão ou cargos que desempenham, está uma consciência, está um carácter, está um coração!

Está aquilo que deve ser mostrado nobre, consciente, enfim... humano!

Como se pode chegar ao desprante de se aplaudir uma barbaridade, só para agradar aos «amigos»?

Será justo dar-se a classificação de «curiosa competição» a uma prática que representa uma brutalidade e em que é posta à prova a cobardia de um homem perante a subtilidade de uma desgraçada ave?

Onde está o «espírito desportivo» dos componentes de uma selvática façanha em que são abatidos, sem dó nem piedade, mais de uma centena de indefesos pombos?

O desporto só deve ter dois proveitos para o desportista: beneficiação física e moral.

O «tiro aos pombos» não oferece qualquer deles.

Dele não usufruímos qualquer proveito físico nem, muito menos, moral.

É evidenciada, na infeliz locução da edição de 19 de Agosto findo do jornal «Lobito», de Angola, a «proporção de animadas lutas».

Onde está o motivo de luta? Se se tratasse de um torneio de tiro aos leões, aos leopardos, enfim... a animais de provável defesa, acreditaria.

Porém, o «tiro aos pombos» só pode, para aquele que é verdadeiramente racional, proporcionar uma «luta»: a do remorso na consciência!

Se o pombo é símbolo universal da Paz, porque o matar só por divertimento?

Se o veneramos, de joelhos, pelas igrejas, simbolizando o sagrado Espírito Santo, porque o martirizamos só porque, com isso, sentimos prazer? Repugnante prazer!...

E para aquele rapazinho de 13 anos, que é evidenciado também, como exímio atirador, só tenho um conselho a dar-lhe.

Tu, amigo, que és novo, não sigas um caminho só porque te o apontaram; vê se ele é bom. Não desprezes e modelação da nobreza dos teus sen-

timentos, trocando-a pela fanfarronice de uns ilusórios aplausos.

Se seguíres, a fundo, o caminho do bem, também serás elogiado. Não por teres furtado rudemente, como os selvagens, uma vida dócil, que mal algum te faria, se vivesse muitos anos; nem por espelhares e desdenhares da tua vítima, só por ela ter nascido menos forte do que tu, quando na agonia da morte, decerto, te olhou suplicando-te piedade.

Serás elogiado, sim, por fazeres boas acções e seres bom.

Repara, amigo, num conselho que tenho guardado de mim para mim:

«O mais forte é o que vence pela brandura, por ser aquele que soube conseguir e conservar os amigos».

Domingos José da Silva

Informações

TOMOU posse do cargo de informador fiscal nesta cidade, transferido a seu pedido, conforme noticiámos, o sr. Patrocínio da Conceição Guerreiro, que se encontrava prestando idêntico serviço na Secção de Finanças de Lagos.

Fazemos votos pelas suas prosperidades no desempenho das suas funções.

MOTO

Vende-se uma moto da marca A. J. S., modelo 16 m-1948, de 350 c. c. em muito bom estado. Nesta redacção se informa.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-TOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS

Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO tefs. 368

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

O futebol traz-nos, de vez em quando, uma surpresa.

Tanto na I como na II Divisão surgem, a cada domingo, complicados resultados, estranhos ao nosso calendário desportivo. É o caso do que se passou com o Sporting no jogo com o Torreense, já não falando em outros resultados, dum certo modo desastrosos, obtidos com o Benfica, no Estádio da Luz, frente ao Covilhã, e ainda este clube com o Porto; e mais recentemente com o Belenenses no Fundão, na divisão maior, e o Vitória de Guimarães — ex-grande — na zona norte.

Não há dúvida que a bola é redonda e que são onze de cada lado, mas também não nos restam dúvidas quanto aos valores apresentados pelos chamados «clubes modestos» em confronto com os «grandes» do desporto-rei. Hoje em dia há que contar com a resistência dos «esquecidos», daqueles que vivem apenas com a competência e dedicação do seu treinador, sempre às voltas com as «tácticas» a empregar em cada jogo, consoante as categorias dos seus adversários apresentando uma toada que se imponha à melhor técnica do grupo opositor, e, sobretudo, falta de «matéria prima» que, em geral, se nota nos clubes modestos.

O Farense, como o Olhanense e o Portimonense, são clubes modestos, mas nem por isso deixam de ter as suas aspirações na dura prova começada há 5 semanas. Os leões da capital algarvia vêm obtendo, através das 5 jornadas, resultados surpreendentes. Ainda não perderam e foram, até domingo passado, guia da classificação.

Em Olhão, a Olhanense não foi feliz no jogo em que lhe coube defrontar o Arroios. O campeão algarvio ainda não deu mostras daquilo que pode valer, mas estamos esperançados que ainda o fará. Resultado: 2-2.

Em Portimão, o Portimonense obteve a sua segunda vitória ao vencer o Desportivo de Beja por 2-0.

A classificação é a seguinte:

	J	V	E	D	P
Estoril . . .	5	3	2	—	8
Oriental . . .	5	3	2	—	8
Juventude . . .	5	3	1	1	7
Coruchense . . .	5	3	1	1	7
Farense . . .	5	1	4	—	6
Arroios . . .	5	2	1	2	5
Montijo . . .	5	1	3	1	5
Desp. Beja . . .	5	1	2	2	4
União Sport. . .	5	1	2	2	4
Portalegrense . . .	5	1	2	2	4
Olhanense . . .	5	1	2	2	4
Olivais . . .	5	1	1	3	3
Portimonense . . .	5	1	1	3	3
«O Elvas» . . .	5	1	—	4	2

Jogos para hoje — Em Elvas: Elvas-Portimonense; Em Faro: Farense-Olivais; No Montijo: Montijo-Olhanense.

Futebol particular — No jogo realizado no domingo passado no Estádio Ginásio, o onze do Sporting Clube Tavirense voltou a fazer excelente exibição vencendo a equipa da Associação Académica, de Vila Real de Santo António, por 9-0.

J. C.

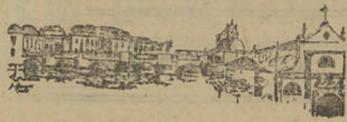
Maria da Estrela Lopes

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Universidade de Coimbra

Largo de D. Ana

Oferece os seus serviços para partos, tratamentos e injecções



Pela Cidade

Pastelaria Veneza — Aca-ba de se inaugurar mais um novo e interessante estabelecimento, com projecto e decorações do sr. Arquitecto Gomes da Costa, e cuidada e vistosa iluminação da autoria do nosso conterrâneo sr. Eng. Oswaldo Bagarrão.

É mais um estabelecimento que se fica devendo à iniciativa particular e que veio embelezar o coração da cidade.

A Praça da República, uma vez terminadas as obras dos Paços do Concelho, fica, sem dúvida, uma praça digna de uma cidade da província.

Ao proprietário do novo estabelecimento felicitamo-lo pela sua brilhante iniciativa, e fazemos votos pelos seus prósperos negócios.

A propósito da inauguração de mais este estabelecimento, julgamos oportuno fazer um reparo. Não nos parece lógico que o estacionamento dos automóveis seja feito junto dos estabelecimentos, não só porque dá mau acesso e tapa a vista aos seus frequentadores como às pessoas que circulam na Praça, e até porque o trânsito ali, por vezes, se faz com dificuldade.

Não será possível pôr-se termo a tal estado de coisas, proibindo-se o estacionamento de automóveis particulares na Praça? Porque não escolher outro local para parque de estacionamento?

Em toda a parte, os parques de estacionamento são localizados onde não prejudiquem o trânsito, e em Tavira cremos que não faltarão lugares.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim.

Feira da Praia

Nos próximos dias 11 e 12, realiza-se em Vila Real de Santo António a tradicional Feira da Praia, que costuma levar àquela importante vila fronteiriça elevado número de forasteiros.

Ford Anglia

Vende-se em bom estado. Ver e tratar na rua da Liberdade, 24, Tavira.



Espingardaria «IDEAL» de Sebastião José da Luz

Armas, Munições e Acessórios para Caçadores
Rádio - Relógios - Óptica
Oficina de Consertos

Agente da Companhia Universal de Seguros e Resseguros e da Organização Comercial da Máquina de Costura

IMPORTAÇÃO DIRECTA
Tele. grammas: Espingardaria Ideal R. Alexandre Herculano, 6 — TAVIRA-Portugal
Fone: 100

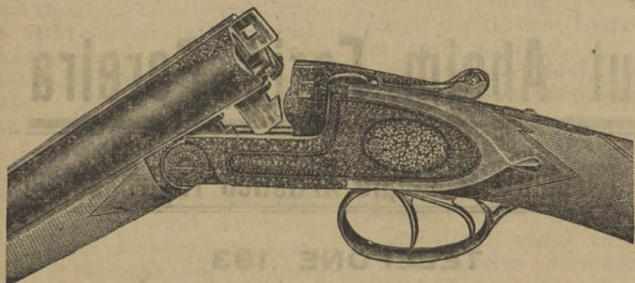
Já abriram as aulas!!!

Para compra de material escolar está indicada a nossa casa. Grande sortido de livros, pastas, carteiras com fecho, etc. Não expomos o artigo por não termos montra, mas temos sortido. Todos os artigos escolares vendidos a preços dentro das normas comerciais e seriedade absoluta. Não esqueçam! Façam sempre as suas compras na

CASA BRASIL
Manuel Alexandre — TAVIRA

Espingardaria Algarve

de V.ª & F.ª de José Viegas Mansinho - Tel. 40 - TAVIRA



Participa

que já recebeu do estrangeiro grande número de espingardas dos mais variados modelos de conhecidas marcas da Bélgica, Alemanha, França, Espanha e Checoslováquia, e que tem à venda muitas espingardas usadas, de vários calibres, marras e preços

Representante das acreditadas marcas:

Sauer, Merkel, CZ, Kovo, Jabali, Astra, Laurona, Bost e Zabala

Carregamento de cartuchos electricamente, pelos processos mais modernos, e dirigido por técnico competentíssimo.

Tudo o mais que é necessário para tiro de caça e de stand

Preços sem competência, em parte devido às grandes quantidades compradas.